

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 53, n. 1, p. 1-13, jan.-dez. 2022 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p>
<p> http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2022.1.38132</p>	

SEÇÃO: ARTIGO

Associação entre vínculo parental e qualidade da vinculação amorosa em universitários no sul do Brasil

Association between parental bond and quality of love bonding in university students in southern Brazil

Asociación entre el vínculo parental y la calidad del vínculo amoroso en estudiantes universitarios del sur de Brasil

Bárbara Borges Rubin¹

orcid.org/0000-0003-2062-1480
barbararubiin@hotmail.com

Jéssica Puchalski Trettim¹

orcid.org/0000-0001-5795-2318
jessicatrettim@gmail.com

Mariana Bonati de

Matos¹

orcid.org/0000-0003-1196-7228
marianabonatidematos@gmail.com

Luciana de Avila Quevedo¹

orcid.org/0000-0001-6883-4333
lu.quevedo@bol.com.br

Janáina Vieira dos

Santos Motta¹

orcid.org/0000-0002-3755-845X
jsantos.epi@gmail.com

Fernanda Teixeira

Coelho¹

orcid.org/0000-0002-6999-9807
fe.teixeiracoelho@gmail.com

Kathreim Macedo da

Rosa¹

orcid.org/0000-0002-5047-1551
kathreimrosa@gmail.com

Recebido em: 20 maio 2020.

Aprovado em: 5 jan. 2022.

Publicado em: 30 nov. 2022.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo: A partir das primeiras experiências de vinculação, serão internalizados modelos representacionais que servirão de protótipo para as relações amorosas no futuro. Este estudo investigou a associação entre a percepção de vínculo parental e a qualidade da vinculação amorosa em universitários no sul do Brasil. Trata-se de um estudo transversal, no qual foram utilizados o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe e o Questionário de Vinculação Amorosa. A análise estatística foi baseada no modelo de Regressão Linear Múltipla. Foram avaliados 89 universitários. A cada aumento de um ponto no escore da inibição da exploração e da individualidade no vínculo materno, houve uma diminuição no escore da confiança e um aumento no escore da ambivalência no vínculo amoroso. Os resultados demonstram que dificuldades no estabelecimento de um vínculo precoce saudável podem ocasionar sentimento de insegurança, ambivalência e baixa confiança nos relacionamentos amorosos futuros.

Palavras-chave: vínculo afetivo, relações interpessoais, adultos jovens

Abstract: From the first experiences of bonding, representational models will be internalized that will serve as a prototype for loving relationships in the future. This study investigated the association between the perception of parental bond and the quality of love bonding in university students in southern Brazil. This is a cross-sectional study, in which the *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* and the *Questionário de Vinculação Amorosa* were used. The statistical analysis was based on the Multiple Linear Regression model. We assessed 89 university students. For each increase of one point in the mean of inhibition of exploitation and individuality in the maternal bond, there was a decrease in the mean of confidence and an increase in the mean of ambivalence in the love bond. The results demonstrate that difficulties in establishing a healthy early bond can lead to feelings of insecurity, ambivalence and low confidence in future relationships.

Keywords: affective bond, interpersonal relations, young adult

Resumen: A partir de las primeras experiencias de vinculación, se internalizarán modelos representativos que servirán como prototipo de relaciones amorosas en el futuro. Este Estudio investigó la asociación entre la percepción del vínculo parental y la calidad del vínculo amoroso entre los estudiantes universitarios del

¹ Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Pelotas, RS, Brasil.

sur de Brasil. Este es un estudio transversal, en el que se utilizaron el *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* y el *Questionário de Vinculação Amorosa*. El análisis estadístico se basó en el modelo de Regresión Lineal Múltiple. Se evaluaron 89 estudiantes universitarios. Por cada aumento de un punto en el promedio de inhibición de la exploración e individualidad en el vínculo materno, hubo una disminución en el promedio de confianza y un aumento en la promedio de ambivalencia en el vínculo amoroso. Los resultados demuestran que las dificultades para establecer un vínculo temprano saludable pueden generar sentimientos de inseguridad, ambivalencia y poca confianza en las relaciones futuras.

Palabras clave: vínculo afectivo, interpersonal relations, adulto joven

O vínculo estabelecido entre uma criança e seus cuidadores, especialmente com a figura materna, é considerado um dos fenômenos mais importantes e complexos do desenvolvimento infantil. Está relacionado não só a déficits no desenvolvimento, mas também a aspectos da personalidade e à qualidade das relações interpessoais ao longo da vida (Ainsworth & Bowlby, 1991).

Considera-se que, quando as figuras de vinculação agem de modo disponível e sensível às necessidades da criança, criam-se condições necessárias para o desenvolvimento de um apego seguro, que possibilita a exploração confiante do mundo, dos outros e do próprio *self*. Por outro lado, quando as figuras de vinculação se mostram indisponíveis e/ou restritivas nos cuidados com a criança, há mais chances de se estabelecer um apego inseguro. Crianças com apego inseguro demonstram maior comprometimento do desenvolvimento emocional e cognitivo, assim como maiores prejuízos nas suas relações interpessoais (Sullivan, 2017; Zafropoulou et al., 2014).

Segundo Bowlby (1982), é a partir das primeiras experiências de vinculação, que serão internalizados modelos representacionais que servirão de protótipo para as relações no futuro, modelando, assim, a forma como o indivíduo percebe e vivencia um relacionamento amoroso. Nesse contexto, alguns estudos investigaram a associação das experiências precoces de vínculo parental com a qualidade da vinculação amorosa na idade adulta (Correia & Mota, 2016; Czyżowska et al., 2019; Díez et al., 2019; Lyvers et al., 2019;

Rocha et al., 2011; Seiffge-Krenke et al., 2015).

O estudo de Díez et al. (2019) demonstrou que os jovens universitários que perceberam maior controle parental e menor apoio e afeto na relação com os pais, apresentaram um vínculo amoroso inseguro, caracterizado pela ansiedade em relação ao parceiro. Nesse contexto, pode-se considerar que, os jovens que apresentam uma percepção mais negativa em relação ao vínculo parental, tendem a apresentar uma pior qualidade nos seus relacionamentos amorosos (Correia & Mota, 2016).

Cabe ressaltar que o vínculo materno parece exercer maior influência na qualidade da vinculação amorosa, quando comparado com o vínculo paterno (Lyvers et al., 2019; Pereira et al., 2013; Rocha et al., 2011), embora este resultado não seja consistente na literatura (Correia & Mota, 2016; Díez et al., 2019; Seiffge-Krenke et al., 2015). Ainda, sabe-se que o vínculo precoce mãe-bebê pode influenciar o futuro desenvolvimento da criança (Ainsworth & Bowlby, 1991). Indivíduos que experienciaram um vínculo satisfatório com suas mães durante o primeiro ano de vida, tendem a apresentar menos problemas comportamentais na primeira infância e melhor bem-estar ao longo da vida. Por outro lado, experiências vinculares negativas com a figura materna, podem ocasionar em déficits no desenvolvimento emocional e, conseqüentemente, maiores prejuízos nas relações interpessoais na idade adulta, especialmente no que se refere às relações amorosas (Lyvers et al., 2019; Pereira et al., 2013; Rocha et al., 2011).

Além disso, a literatura demonstra outros fatores que parecem estar associados a uma pior qualidade da vinculação amorosa. Pereira et al. (2013) demonstraram que os jovens universitários de classes econômicas mais baixas, tiveram maiores níveis de conflito nas suas relações amorosas, quando comparados aos jovens com nível econômico mais elevado. Já outro estudo indicou que os indivíduos mais novos demonstraram maior ansiedade no vínculo amoroso, quando comparados aos indivíduos mais velhos (Karataş et al., 2017). Fachada (2009) constatou que os jovens que estavam em um relacionamento amoroso

atual, apresentaram maiores níveis de confiança e dependência, assim como baixos escores de ambivalência nas suas relações amorosas, quando comparados aos jovens que não vivenciavam um relacionamento amoroso atual.

Diante do exposto, ressalta-se a importância da vinculação amorosa na vida dos indivíduos, especialmente dos adultos jovens, tanto no que se refere à qualidade de vida e bem-estar, quanto à saúde física e psicológica desses indivíduos (Granja & Mota, 2018; Melo & Mota, 2013; Pereira et al., 2013). Assim, os jovens que vivenciam relações amorosas com maiores níveis de intimidade e satisfação, são menos propensos a adotar comportamentos de risco, como o abuso de álcool e substâncias, assim como a desenvolver problemas de saúde mental ao longo da vida (Braithwaite et al., 2010). No entanto, os indivíduos que experimentam um vínculo amoroso inseguro, caracterizado pela ambivalência e insegurança nas suas relações, demonstram maior dificuldade de expressar suas emoções, o que pode levar à problemas relacionados ao abuso de álcool (Lyvers et al., 2019). Além disso, relações amorosas caracterizadas por ambivalência e dependência foram associadas à baixa autoestima em indivíduos jovens (Freitas & Mota, 2015).

Considerando que existem evidências de que o vínculo precoce com as figuras parentais pode estar associado à qualidade dessas relações ao longo da vida, o objetivo deste estudo foi investigar a associação entre a percepção do vínculo parental e a qualidade da vinculação amorosa em universitários no sul do Brasil. Como objetivo secundário, buscou-se verificar os fatores associados ao vínculo amoroso dos jovens. Assim, a hipótese principal é de que os jovens que tiverem uma percepção mais negativa do vínculo parental apresentarão pior qualidade nas suas relações amorosas. Além disso, espera-se que os universitários que forem mais novos, que pertencerem às classes econômicas mais baixas e que não estiverem em um relacionamento amoroso atual, apresentem uma pior percepção da vinculação amorosa.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo transversal, realizado com estudantes universitários da área da saúde, de uma universidade privada no sul do Brasil.

Participantes

A amostra foi do tipo aleatória simples, selecionada através de um sorteio realizado por meio de uma lista (cedida pela universidade) com o nome de todos os estudantes matriculados nos cursos da área da saúde. Os estudantes foram sorteados e contatados por telefone, sendo convidados a participar do estudo.

Para o cálculo da amostra, foi utilizado o coeficiente de correlação esperado de 0,30, α bilateral de 0,05 e β de 0,20. Com estes parâmetros, foram necessários 85 universitários. Além disso, foram acrescentados 30% para o ajuste de possíveis fatores de confusão nas análises e recusas dos participantes, obtendo um N amostral estimado de 111 universitários. Foram acrescentados, também, 10 alunos para a realização do estudo piloto, totalizando assim, 121 estudantes sorteados.

Quanto aos critérios de inclusão, foram incluídos no estudo os jovens que estavam matriculados em um dos cursos da área da saúde da universidade e que foram sorteados para realização da pesquisa. Em relação aos critérios de exclusão, nós excluimos do estudo os alunos que cursavam o último semestre/ano do curso, por razão de difícil acesso a estes estudantes. Assim, a amostra foi composta por 89 jovens universitários. Destes, 77,5% (n=69) são do sexo feminino, 71,9% (n=64) tinham entre 16 e 24 anos e 86,5% (n=77) pertenciam a classes econômicas mais altas (A+B).

Instrumentos

Questionário de Vinculação Amorosa (QVA).

Para avaliar a percepção da qualidade do vínculo amoroso foi utilizado o Questionário de Vinculação Amorosa (QVA). Este é um instrumento de autorrelato, que tem como objetivo mensurar a

percepção dos jovens em relação à qualidade do vínculo com o seu parceiro amoroso. O QVA é composto por 52 itens, que se dividem em quatro constructos: confiança (13 itens) – que reporta às percepções acerca do par amoroso como base segura de vinculação; dependência (13 itens) – que avalia a necessidade de proximidade e medo da perda do par amoroso; evitamento (13 itens) – que se refere à percepção de si próprio e de sua capacidade para superar obstáculos na vida, sem a necessidade (consciente) de recorrer ao companheiro; e ambivalência (13 itens) – que está relacionada à insegurança, expressa de forma ambivalente no seu papel enquanto par amoroso.

As respostas são dadas em uma escala Likert de 6 pontos que vão de "discordo totalmente" a "concordo totalmente". O indivíduo deve responder levando em consideração seu relacionamento amoroso atual. Se não está em um relacionamento atual, o indivíduo pode responder referente a seu último relacionamento ou, se nunca teve um relacionamento amoroso, pode responder pensando em como seria essa relação. Os resultados de cada constructo são apresentados por médias, considerando que, quanto maior a média melhor a qualidade do vínculo amoroso (Matos et al., 2001).

O instrumento apresenta uma boa validade para países de língua portuguesa, com um *alfa* de *Cronbach* adequado e valores elevados em todos os fatores (entre 0,75 e 0,90), sendo o fator ambivalência o que revelou menor consistência interna (Matos et al., 2001). Além disso, um estudo anterior comparou os resultados da escala entre brasileiros e portugueses, encontrando resultados semelhantes nas duas populações. O *alfa* de *Cronbach* do QVA na amostra portuguesa foi de 0,91, enquanto na amostra brasileira foi de 0,88 (Veppo et al., 2017). Em nosso estudo, foram igualmente encontrados índices de consistência interna adequados nas quatro dimensões: Confiança ($\alpha=0,87$), Dependência ($\alpha=0,84$), Evitamento ($\alpha=0,81$) e Ambivalência ($\alpha=0,81$). Dessa forma, todos os fatores indicaram boa confiabilidade (Streiner, 2003).

Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

(QVPM). Para avaliar a percepção do vínculo parental foi utilizado o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM). Trata-se de um instrumento de autorrelato, que tem como objetivo avaliar a percepção que os jovens têm da qualidade de vinculação com os pais. O QVPM é composto por 30 itens que se dividem em três constructos: Inibição da Exploração e Individualidade (10 itens) – que se refere às restrições impostas pelas figuras parentais à expressão da individualidade; Qualidade do Laço Emocional (10 itens) – que reporta para a importância da figura parental, fundamental para o desenvolvimento da criança, a quem ela irá recorrer em situações de dificuldade e com quem projeta uma relação duradoura; e Ansiedade de Separação (10 itens) – que diz respeito às experiências de ansiedade e medo da separação da figura de vinculação, reveladora de uma relação de dependência. O indivíduo responde aos itens separadamente em relação a cada uma das figuras parentais. As opções de repostas são dadas em uma escala Likert de 6 pontos que vão de "discordo totalmente" a "concordo totalmente". Os resultados de cada constructo são obtidos por médias, considerando que, quanto maior a média melhor a qualidade do vínculo parental (Gouveia & Matos, 2011).

As qualidades psicométricas do instrumento original demonstram uma boa validade, com um *alfa* de *Cronbach* adequado nas três dimensões, tanto para a versão da mãe (entre 0,76 e 0,92), quanto para a versão do pai (entre 0,78 e 0,95) (Gouveia & Matos, 2011). No que se refere à população brasileira, em um estudo anterior, os autores compararam os resultados do instrumento entre brasileiros e portugueses, demonstrando valores semelhantes entre as duas populações. Na amostra portuguesa, encontrou-se um *alfa* de *Cronbach* de 0,79 e na população brasileira de 0,80 (Veppo et al., 2017). Em nosso estudo, foram igualmente encontrados índices de consistência interna adequados nas três dimensões do vínculo paterno: Ansiedade de Separação ($\alpha=0,84$), Inibição da Exploração e Individualidade ($\alpha=0,76$) e Qualidade do laço emocional ($\alpha=0,94$). Assim como nas três dimensões do vínculo materno:

Ansiedade de Separação ($\alpha=0,86$), Inibição da Exploração e Individualidade ($\alpha=0,82$) e Qualidade do laço emocional ($\alpha=0,91$). Desta forma, todos os fatores indicaram boa confiabilidade (Streiner, 2003).

Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). A classe econômica dos participantes foi obtida através da classificação da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), que se baseia na acumulação de bens materiais e na escolaridade do chefe da família. Essa classificação enquadra as pessoas em classes (A, B, C, D ou E), a partir dos escores alcançados, considerando que a letra "A" se refere à classe econômica mais alta e "E" à classe mais baixa. Para este estudo, a amostra foi classificada nos grupos a seguir: A+B (classes altas) C (classe média) e D+E (classes baixas), entretanto, não houve nenhum participante pertencente às classes D+E (ABEP, 2015).

Questionário Geral. Além disso, foi aplicado um questionário composto pelas seguintes variáveis: sexo (masculino/feminino), idade (16 até 24 anos/25 até 30 anos/31 até 39 anos/40 anos ou mais), classificação socioeconômica (A+B/C), estado civil (solteiro(a)/casado(a) ou vive com companheiro), relacionamento amoroso atual (não/sim), pais separados (não/sim), contato com a mãe após a separação (não/sim), contato com o pai após a separação (não/sim) e cuidador(a) com problemas psicológicos/psiquiátricos (não/sim/sim, mas não atualmente).

Procedimentos Éticos

Todos os participantes receberam informações sobre os objetivos da pesquisa e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os procedimentos utilizados estão de acordo com os termos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da universidade sob protocolo n.º 39150314.8.0000.5339.

Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu entre os meses de março e abril de 2015. Os participantes sorteados

foram contatados por telefone e convidados a participar do estudo. As entrevistas foram realizadas na universidade, por alunos voluntários do curso de Psicologia que receberam treinamento prévio para a aplicação dos instrumentos.

Análise dos dados

As características da amostra foram obtidas através de frequências simples e relativas e médias com desvio padrão, de acordo com os tipos de variáveis. Para as análises bivariadas, foram utilizados o teste-t de *Student* e ANOVA a fim de comparar as médias entre os grupos e correlação de *Pearson* para associar as variáveis numéricas. As variáveis contínuas foram testadas quanto à normalidade da distribuição através do *Kolmogorov-smirnov test*. Todas as variáveis que apresentaram p-valor $<0,20$ na análise bivariada foram incluídas na análise ajustada, com o objetivo de controlar possíveis fatores de confusão (Victora et al., 1997). A análise ajustada foi realizada através de Regressão Linear Múltipla. Todas as análises foram realizadas no programa estatístico SPSS versão 22.0.

Resultados

Foram sorteados 121 indivíduos. Destes, 11 recusaram-se a participar do estudo e 21 não foram localizados, totalizando 89 universitários entrevistados. No que se refere ao relacionamento, 80,9% ($n=72$) dos indivíduos relataram seu estado civil como solteiro(a), entretanto, a maior parte deles estavam em um relacionamento amoroso atual (64,0%; [$n=57$]). Em relação à separação dos pais, 33,7% ($n=30$) tinham pais separados e, destes, 16,7% ($n=05$) não mantiveram contato com o pai após a separação. Além disso, 16,9% ($n=15$) dos alunos tinham um cuidador(a) que sofre ou já sofreu por problema psicológicos/psiquiátricos. O contato com a mãe após a separação não foi apresentado na Tabela 1 pois todos os participantes mantiveram contato com a mãe após a separação dos pais.

Tabela 1 – Características demográficas, socioeconômicas, familiares e de relacionamento associadas aos domínios da vinculação amorosa em universitários, sul do Brasil, 2015

Variáveis	Confiança			Dependência		Evitamento		Ambivalência	
	N (%)	Média (DP)	p-valor	Média (DP)	p-valor	Média (DP)	p-valor	Média (DP)	p-valor
Sexo			0,057		0,164		0,011		0,018
Masculino	20 (22,5)	62,7 (9,3)		36,1 (10,1)		38,3 (9,5)		40,5 (11,6)	
Feminino	69 (77,5)	66,8 (8,1)		39,9 (10,7)		31,9 (9,7)		34,5 (9,2)	
Idade			0,061		0,194		0,014		0,041
16 até 24 anos	64 (71,9)	66,3 (8,0)		39,9 (10,8)		33,2 (8,5)		37,2 (9,9)	
25 até 30 anos	13 (14,6)	67,4 (10,2)		35,5 (7,5)		29,6 (11,1)		30,1 (10,7)	
31 até 39 anos	07 (7,9)	66,7 (6,1)		42,6 (12,8)		31,9 (14,9)		31,0 (7,7)	
40 anos ou mais	05 (5,6)	56,0 (8,6)		32,2 (10,6)		46,2 (10,1)		40,4 (6,2)	
Classe econômica			0,864		0,086		0,390		0,330
Classes altas (A+B)	77 (86,5)	66,0 (6,5)		38,3 (9,9)		33,7 (10,3)		35,4 (9,5)	
Classe média (C)	12 (13,5)	65,5 (8,9)		43,9 (13,8)		31,0 (7,8)		38,5 (13,3)	
Estado Civil			0,550		0,175		0,429		0,195
Solteiro(a)	72 (80,9)	65,6 (9,0)		38,3 (10,5)		33,7 (31,6)		36,5 (10,3)	
Casado(a)/Vive companheiro(a)	17 (19,1)	67,1 (6,5)		42,1 (10,8)		31,6 (11,2)		33,0 (8,8)	
Relacionamento amoroso atual			0,001		<0,001		<0,001		<0,001
Não	32 (36,0)	61,9 (8,6)		33,8 (8,3)		38,8 (9,1)		41,1 (7,7)	
Sim	57 (64,0)	68,1 (7,7)		41,9 (10,7)		30,3 (9,2)		32,9 (10,0)	
Pais separados			0,565		0,017		0,258		0,632
Não	59 (66,3)	65,5 (8,2)		37,1 (9,3)		34,2 (10,3)		36,2 (9,0)	
Sim	30 (33,7)	66,6 (9,3)		42,8 (12,1)		31,6 (9,3)		35,1 (12,0)	
Manteve contato com o pai*			0,137		0,630		0,566		0,958
Não	05 (16,7)	59,8 (9,7)		45,2 (9,9)		29,4 (9,0)		35,4 (9,1)	
Sim	25 (83,3)	68,0 (8,8)		42,3 (12,6)		32,1 (9,5)		35,1 (12,7)	
Cuidador(a) sofre ou já sofreu problemas psicológicos/psiquiátricos			0,094		0,488		0,061		0,680
Não	58 (65,2)	65,7 (8,0)		38,7 (11,0)		32,2 (10,2)		35,3 (10,4)	

Sim, sofre	15 (16,9)	62,7 (11,3)		37,3 (9,4)		38,9 (9,5)		37,9 (7,9)	
Sim, já sofreu, mas não atualmente	16 (18,0)	69,4 (6,6)		41,7 (10,6)		32,4 (8,6)		36,0 (10,7)	
Total	89 (100,0)	65,9 (8,5)	---	39,0 (10,6)	---	33,3 (10,0)	---	35,8 (10,0)	---

*Somente aqueles que têm pais separados

Tabela 2 – Correlação entre os domínios do vínculo paterno e materno com os domínios da vinculação amorosa em universitários, sul do Brasil, 2015

Variáveis	Confiança		Dependência		Evitamento		Ambivalência		
	<i>r</i>	p-valor	<i>r</i>	p-valor	<i>r</i>	p-valor	<i>r</i>	p-valor	
Qualidade do vínculo paterno									
Inibição da exploração e da individualidade	-0,35	0,001	0,21	0,047	0,05	0,618	0,26	0,013	
Qualidade do laço emocional	0,22	0,041	-0,06	0,548	0,04	0,696	-0,13	0,240	
Ansiedade de separação e dependência	-0,00	0,944	0,28	0,007	-0,07	0,538	0,02	0,817	
Qualidade do vínculo materno									
Inibição da exploração e da individualidade	-0,31	0,003	0,22	0,042	0,05	0,639	0,33	0,001	
Qualidade do laço emocional	0,33	0,002	0,02	0,884	-0,17	0,106	-0,24	0,022	
Ansiedade de separação e dependência	-0,02	0,872	0,33	0,001	-0,17	0,105	0,04	0,693	

r = correlação de Pearson

A Tabela 3 apresenta os resultados da análise ajustada, indicando que indivíduos mais novos apresentaram uma diminuição de 2,85 (IC95% -5,2; -0,5) pontos na média do domínio evitamento quando comparados aos indivíduos com 40 anos ou mais. Além disso, os jovens que pertenciam à classe econômica média (C) demonstraram um aumento de 7,62 (IC95% 1,8; 13,4) pontos na média de dependência quando comparados aos que pertenciam às classes A+B. Ainda, os universitários que não estavam em um relacionamento amoroso atual, tiveram uma redução de 7,80 (IC95% -12,3; -3,3) pontos na média de dependência, um aumento de 8,80 (IC95% 4,7; 12,9) pontos na média de evitamento e de 8,50 (IC95% 4,4; 12,6) pontos

na média de ambivalência quando comparados aos que estavam em um relacionamento amoroso atual.

Quanto aos principais achados, ainda na Tabela 3, as evidências apontaram que a cada aumento de um ponto na média da inibição da exploração e da individualidade no vínculo materno, houve uma diminuição de 0,55 (IC95% -0,8; -0,3) pontos na média de confiança e um aumento de 0,34 (IC95% 0,1; 0,6) pontos na média de ambivalência no vínculo amoroso. As demais variáveis de exposição não demonstraram associação com os domínios do vínculo amoroso.

Tabela 3 – Regressão linear múltipla de características demográficas, socioeconômicas, familiares, de relacionamento e os domínios do vínculo paterno e materno com os domínios da vinculação amorosa em universitários, sul do Brasil, 2015

Variáveis	Confiança		Dependência		Evitamento		Ambivalência	
	β	IC 95%	β	IC 95%	β	IC 95%	β	IC 95%
Sexo (Feminino*)	-4,84	-13,2; 3,5	1,62	-3,4; 6,7	4,10	-0,9; 9,1	4,02	-0,4; 8,4
Idade (40 anos ou mais*)	2,14	-1,5; 5,8	2,54	-0,7; 5,8	-2,85	-5,2; -0,5	-0,75	-3,7; 2,2
Classe econômica (Classes altas; A+B*)	-	-	7,62	1,8; 13,4	-	-	-	-
Estado Civil (Casado(a)/Vive companheiro(a)**)	-	-	-6,10	-13,2; 1,0	-	-	0,70	-5,8; 7,2
Relacionamento amoroso atual (Sim*)	-6,74	-13,9; 0,5	-7,80	-12,3; -3,3	8,80	4,7; 12,9	8,50	4,4; 12,6
Pais separados (Não*)	-	-	4,20	-0,2; 8,7	-	-	-	-
Manteve contato com o pai** (Sim*)	-7,29	-15,0; 0,4	-	-	-	-	-	-
Cuidador(a) sofre ou já sofreu problemas psicológicos/psiquiátricos (Não*)	0,71	-2,0; 3,4	-	-	0,35	-1,9; 2,6	-	-
Qualidade do vínculo paterno								
Inibição da exploração e da individualidade	0,26	-0,1; 0,6	0,22	-0,1; 0,5	-	-	0,04	-0,2; 0,3
Qualidade do laço emocional	0,05	-0,2; 0,3	-	-	-	-	-	-
Ansiedade de separação e dependência	-	-	0,10	-0,2; 0,4	-	-	-	-
Qualidade do vínculo materno								
Inibição da exploração e da individualidade	-0,55	-0,8; -0,3	-0,09	-0,3; 0,2	-	-	0,34	0,1; 0,6
Qualidade do laço emocional	-	-	-	-	-0,10	-0,4; 0,2	-0,30	-0,5; 0,0
Ansiedade de separação e dependência	0,25	-0,0; 0,5	0,15	-0,2; 0,5	-0,03	-0,2; 0,2	-	-

*Categoria referência; **Somente aqueles que têm pais separados

Discussão

Este estudo teve como objetivo investigar a associação entre a percepção do vínculo parental e a qualidade da vinculação amorosa em universitários no sul do Brasil. Como objetivo secundário, buscou-se verificar os fatores asso-

ciados ao vínculo amoroso dos jovens. Com base nos achados da literatura, nossa hipótese principal foi de que os jovens que tivessem uma percepção mais negativa do vínculo parental, apresentariam uma pior qualidade nas suas relações amorosas. Além disso, esperávamos que os universitários que

fossem mais novos, que pertencessem às classes econômicas mais baixas e que não estivessem em um relacionamento amoroso atual, teriam uma pior qualidade na vinculação amorosa.

Os principais resultados corroboraram em partes com nossa hipótese, uma vez que apontaram que os jovens que perceberam maior inibição da exploração e da individualidade no vínculo materno apresentaram menor confiança e maior ambivalência na vinculação amorosa. No entanto, o vínculo paterno não se mostrou associado com o vínculo amoroso. Nessa perspectiva, de acordo com Rocha et al. (2011), em um vínculo materno caracterizado pela inibição da exploração e da individualidade, a criança pode não atingir um nível de exploração adequado para um desenvolvimento saudável e adaptativo ao nível da vinculação. Com isso, pode construir imagens internas de si como incapaz e dos outros como indisponíveis em relação às suas necessidades, podendo ocasionar em sentimento de insegurança, ambivalência e baixa confiança nos seus relacionamentos ao longo da vida.

Diez et al. (2019) realizaram um estudo com o objetivo de investigar a relação entre a percepção do comportamento parental e a vinculação amorosa em 1502 jovens universitários. Os autores sugeriram que a ansiedade e o "evitamento" no vínculo amoroso dos jovens, foram positivamente correlacionados com a percepção de controle parental (tanto comportamental quanto psicológico) e negativamente correlacionados com a percepção de apoio familiar e afeto parental. Assim, uma percepção mais negativa do vínculo parental esteve relacionada a um vínculo amoroso mais inseguro por parte dos jovens, o que corrobora nossos achados. No entanto, cabe ressaltar que os autores não investigaram a percepção do vínculo parental de forma separada em relação ao pai e à mãe. Embora não exista um consenso na literatura, nossos achados apontam para a evidência de que possivelmente exista uma diferença na influência dos vínculos materno e paterno nas relações amorosas dos jovens, o que também foi evidenciado no estudo de Rocha, et al., (2011).

Além disso, o estudo de Lyvers et al. (2019) demonstrou que um vínculo inadequado com a figura materna pode interferir no desenvolvimento emocional da criança, incluindo sua autorregulação emocional, o que pode manifestar-se na idade adulta como apego inseguro e maior dificuldade de expressar suas emoções, podendo ocasionar em prejuízos nas suas relações interpessoais e aumentando o risco de apresentar problemas relacionados ao álcool. Assim como em nosso estudo, não foram encontradas associações do vínculo com a figura paterna com o estilo de apego adulto. De acordo com Lyvers et al. (2019), uma possível explicação para esses achados é de que, na maioria dos casos, a mãe é a principal cuidadora e quem passa a maior parte do tempo com os filhos, possivelmente interferindo em maior grau em seu desenvolvimento. Entretanto, cabe ressaltar a importância da figura paterna no desenvolvimento infantil, principalmente no que se refere à vinculação, como demonstrado em estudos anteriores (Correia & Mota, 2016; Díez et al., 2019; Seiffge-Krenke et al., 2015). Assim, destaca-se a necessidade de mais pesquisas acerca da influência da figura paterna na vinculação amorosa dos filhos, especialmente com amostras representativas da população que possibilitem a generalização dos resultados.

Ainda em relação aos nossos principais achados, o estudo de Pereira et al. (2013), realizado com jovens universitários, também apontou para a evidência de uma correlação negativa entre a percepção da inibição da exploração e da individualidade no vínculo materno e a satisfação nas relações amorosas. Assim, os autores sugeriram que os jovens que perceberam maior inibição da exploração e da individualidade em relação à mãe, apresentaram menor satisfação em seus relacionamentos amorosos. Tais evidências suportam a ideia de que a experiência precoce de relacionamento com a mãe pode predizer a conduta do jovem frente a um novo relacionamento e, conseqüentemente, o seu estilo de funcionamento em uma relação amorosa (Furman & Winkles, 2010).

Nesse contexto, um estudo realizado com

432 jovens adultos, evidenciou que a percepção negativa do jovem acerca do ambiente familiar e da qualidade do vínculo parental, esteve correlacionada a uma pior percepção da qualidade nas relações amorosas. Dentre outros achados, os autores sugeriram que a percepção de um ambiente familiar caracterizado por coesão e expressividade foi correlacionado de forma positiva com a confiança no par amoroso e, de forma negativa com o "evitamento" e a ambivalência. Por outro lado, a variável "intrusividade" à mãe e ao pai correlacionou-se positivamente com o "evitamento" e com a ambivalência e negativamente com a confiança nos relacionamentos amorosos dos jovens. Nesta medida, os autores sugeriram que a confiança nas relações amorosas pode estar estreitamente relacionada com a qualidade dos vínculos precoces com as figuras parentais, especialmente com a mãe, assim como com a qualidade do ambiente familiar (Correia & Mota, 2016).

Em relação aos demais fatores associados ao vínculo amoroso dos jovens, as evidências apontaram que os indivíduos que não estavam em um relacionamento amoroso atual, apresentaram menor dependência, assim como maior evitamento e ambivalência nas suas relações. Corroborando nossos achados, o estudo de Fachada (2009), realizado com 414 universitários, constatou que os jovens que estavam vivenciando uma relação amorosa, em geral, perceberam seus parceiros como figuras significativas nas quais podiam confiar e que serviam como base segura, evidenciando maiores escores de dependência, assim como baixos níveis de "evitamento" e ambivalência nas suas relações. Nesse sentido, Pereira et al. (2013), apontaram para a importância das relações amorosas na vida dos jovens, tanto no que se refere a aspectos físicos quanto psicológicos, resultando em uma melhor qualidade de vida desses indivíduos. Assim, as evidências apontam que vivenciar um relacionamento amoroso atual pode estar associado a um estilo de vida mais saudável assim como menor sintomatologia física, o que reforça a importância das relações amorosas na vida dos jovens.

Verificou-se também que os jovens pertencentes às classes econômicas mais baixas tiveram maior dependência nas suas relações amorosas quando comparados aos indivíduos de classes econômicas elevadas. Embora a literatura nos pareça limitada em relação a essa associação em particular, alguns estudos podem nos ajudar a entender essa relação. De acordo com Karney et al. (2007), o nível econômico da família pode exercer influência nas relações amorosas dos jovens, na medida em que essa variável se relaciona ao contexto familiar em que o indivíduo está inserido. Assim, indivíduos pertencentes às classes econômicas menos favorecidas, podem ser afetados em diversos âmbitos de vida, incluindo suas relações familiares, características pessoais e o estilo de apego, devido as diferentes adversidades em que essas famílias podem ser expostas. Nesse sentido, podemos pensar que, indivíduos que se encontram em situação de maior vulnerabilidade, podem procurar por amparo e segurança nas suas relações amorosas, evidenciando, dessa forma, uma maior dependência em relação ao par amoroso.

Walker et al. (2007) apontou que crianças de países menos desenvolvidos e, por consequência, com menos recursos financeiros, são constantemente expostas a uma série de fatores de risco. Dentre os principais fatores psicossociais, estão a falta de sensibilidade do cuidador, falha na capacidade de resposta à criança, falta de afeto e/ou calor emocional e depressão materna. Por outro lado, no estudo de Linver et al. (2002), um nível econômico mais elevado esteve associado a um vínculo parental positivo e um ambiente estimulante para os filhos, os quais apresentaram menos problemas comportamentais na infância. Diante disso, podemos pensar que crescer em condições mais favoráveis ao desenvolvimento, pode levar a relações amorosas mais satisfatórias na vida adulta.

Nesse contexto, o estudo de Pereira et al. (2013) apontou que os jovens pertencentes a famílias de nível econômico mais baixo, apresentaram maior ansiedade de separação no vínculo materno e maiores níveis de conflitos nas suas relações

amorosas quando comparados aos jovens de nível econômico elevado, o que corrobora nossos achados. No entanto, cabe ressaltar que o nosso resultado deve ser interpretado com cautela, visto que o tamanho amostral não permite a generalização dos dados e, além disso, não foram encontradas evidências suficientes na literatura que apoiem tais achados. Assim, evidencia-se a necessidade de maior investigação sobre a relação do nível econômico e a qualidade das relações amorosas, devido a lacuna existente na literatura e as evidências apontadas em algumas investigações.

Por fim, outro fator que se mostrou associado à vinculação amorosa foi a idade dos universitários. Nossos achados sugeriram que os indivíduos mais novos apresentaram menor evitamento na vinculação amorosa quando comparados aos mais velhos. A hipótese inicial era de quanto maior a idade, melhor seria a qualidade da vinculação amorosa, uma vez que a literatura aponta que os indivíduos mais velhos podem estar em uma fase de maior maturidade emocional, o que pode propiciar o desenvolvimento de relações mais saudáveis. No entanto, podemos pensar que uma das formas do jovem assumir novos papéis e constituir sua individualidade, pode ser através do estabelecimento de suas relações amorosas (Melo & Mota, 2013).

Matos et al. (2001) compreenderam o desenvolvimento de relações amorosas nos indivíduos mais jovens, como um contexto que pode contribuir para o desenvolvimento da sua autonomia e adaptação, no qual o jovem procura outras figuras significativas, as quais podem ser um importante fator de crescimento pessoal, obtido através da identificação e partilha das mesmas vivências. Assim, o fato de ser característico de indivíduos mais jovens a busca por proximidade, possivelmente pode explicar o menor "evitamento" encontrado.

Contrapondo nossos achados, o estudo de Karataş et al. (2017) sugeriu que os indivíduos mais novos demonstraram maior ansiedade no vínculo amoroso, quando comparados aos mais velhos. Os autores discutem o fato de que os

mais jovens podem não ter tantas experiências de relacionamento e, por conta disso, apresentar maior ansiedade nos seus relacionamentos amorosos. Observa-se que a literatura ainda é inconsistente sobre a relação da idade com a vinculação amorosa, o que sugere a necessidade de maior investigação.

Diante do exposto, cabe ressaltar que os jovens que vivenciaram vínculos positivos com suas figuras parentais, tendem a ver a si mesmos e aos outros de forma mais positiva e a responderem a eventos estressores com menor sofrimento e mais estratégias de resolução de problemas. Por outro lado, indivíduos que tiveram experiências negativas na relação com os pais, especialmente no vínculo materno, tendem a apresentar dificuldades de relacionamento, menor bem-estar psicológico, assim como uma maior tendência a ter depressão ao longo da vida (Braithwaite et al., 2010; Melo & Mota, 2013; Pereira et al., 2013). Assim, um vínculo parental caracterizado pelo respeito, valorização e confiança pode estar associado a um maior bem-estar psicológico, o que pode se manifestar como maior confiança e satisfação nas relações amorosas (Granja & Mota, 2018).

Este estudo apresenta algumas limitações. A primeira está relacionada ao pequeno tamanho amostral, que não pode ser considerado uma amostra representativa da população, já que o estudo foi realizado em uma universidade privada com estudantes de classes econômicas mais elevadas. Em segundo lugar, o instrumento utilizado para avaliar o vínculo parental se trata de uma medida retrospectiva de avaliação, o que pode contar com viés de memória por parte dos entrevistados. Em terceiro lugar, pelo fato de ser um estudo com delineamento transversal, seus achados não permitem fazer relações temporais ou causais entre as variáveis. Por fim, certamente existem outras variáveis explicativas associadas à vinculação amorosa, além do vínculo parental e dos fatores considerados em nosso estudo. No entanto, nossas evidências apontam para a importância que as relações primordiais de apego com as figuras parentais, especialmente à figura

materna, podem ter na vida dos indivíduos, relacionando-se, de certa forma, com a qualidade da vinculação amorosa na idade adulta, mesmo quando controlado para variáveis socioeconômicas. Portanto, fica evidente a importância de mais investigações acerca dos fatores que podem interferir na qualidade da vinculação amorosa, visto que o ser humano é um ser em relação e que os vínculos precoces podem se repetir na vida adulta.

Nesse contexto, intervenções adequadas em locais de atendimento às famílias e até mesmo em atendimentos pré-natais com gestantes, com foco na importância dos cuidados e vínculos iniciais com a criança nos primeiros anos de vida, são de extrema importância para que se possa buscar prevenir problemas de relacionamentos futuros. Em síntese, sugere-se a realização de mais pesquisas, com delineamento longitudinal, amostra de base populacional e que investiguem outras características que podem estar associadas à qualidade da vinculação amorosa para um maior aprofundamento do tema e que possibilitem a comparabilidade dos resultados.

Referências

Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2015). *Critério de classificação econômica no Brasil*. ABEP. www.abep.org

Ainsworth, M. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American psychologist*, 46(4), 333-341. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.46.4.333>

Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: retrospect and prospect. *American journal of Orthopsychiatry*, 52(4), 664-678. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1982.tb01456.x>

Braithwaite, S. R., Delevi, R., & Fincham, F. D. (2010). Romantic relationships and the physical and mental health of college students. *Personal relationships*, 17(1), 1-12. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2010.01248.x>

Correia, F., & Mota, C. P. (2016). Ambiente familiar e qualidade da vinculação amorosa: Papel mediador da individuação em jovens adultos. *Análise Psicológica*, 34(1), 15-29. <https://doi.org/10.14417/ap.1018>

Czyżowska, D., Gurba, E., Czyżowska, N., Kalus, A., Sitnik-Warchulska, K., & Izydorczyk, B. (2019). Selected Predictors of the Sense of Intimacy in Relationships of Young Adults. *International journal of environmental research and public health*, 16(22), 4447. <https://doi.org/10.3390/ijerph16224447>

Diez, M., Sánchez-Queija, I., & Parra, Á. (2019). Why are undergraduate emerging adults anxious and avoidant in their romantic relationships? The role of family relationships. *PloS one*, 14(11), e0224159. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0224159>

Fachada, I. M. A. (2009). *A experiência emocional do toque nas relações românticas durante a adolescência e a juventude* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/105487>

Freitas, V., & Mota, C. P. (2015). Implicações da vinculação amorosa e suporte social na autoestima em jovens universitários. *Análise Psicológica*, 33(3), 303-315. <https://doi.org/10.14417/ap.863>

Furman, W., & Winkles, J. K. (2010). Predicting romantic involvement, relationship cognitions, and relationship qualities from physical appearance, perceived norms, and relational styles regarding friends and parents. *Journal of adolescence*, 33(6), 827-836. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2010.07.004>

Gouveia, T., & Matos, P. (2011). *Manual do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)* [Facultad de Psicología y Ciencias de la Educación, Universidad do Porto]. <https://sites.google.com/site/manualqvpm>

Granja, M. B., & Mota, C. P. (2018). Estilos parentais e vinculação amorosa: efeito mediador do bem-estar psicológico em jovens adultos. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(1), 93-109. <https://doi.org/10.12804/revistas.uosario.edu.co/apl/a.5584>

Karataş, S., Levpušček, M. P., & Komidar, L. (2017). Demographic factors and individuation in relation to parents predicting attachment avoidance and anxiety in Turkish emerging adults. *Current Psychology*, 38(6), 1443-1455. <https://doi.org/10.1007/s12144-017-9691-8>

Karney, B., Beckett, M., Collins, R., & Shaw, R. (2007). *Adolescent romantic relationships as precursors of healthy adult marriages - A review of theory, research, and programs*. Rand.

Linver, M. R., Brooks-Gunn, J., & Kohen, D. E. (2002). Family processes as pathways from income to young children's development. *Developmental psychology*, 38(5), 719-734. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.38.5.719>

Lyvers, M., Mayer, K., Needham, K., & Thorberg, F. A. (2019). Parental bonding, adult attachment, and theory of mind: A developmental model of alexithymia and alcohol-related risk. *Journal of clinical psychology*, 75(7), 1288-1304. <https://doi.org/10.1002/jclp.22772>

Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: construção de um instrumento e estudo de validação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación - e Avaliação Psicológica*, 11(1), 93-109. <https://hdl.handle.net/10216/7136>

Melo, O., & Mota, C. P. (2013). Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares. *Psicologia em Estudo*, 18(4), 587-597. <https://doi.org/10.1590/1224-9362/psicologiaemestudo.18.4.587>

doi.org/10.1590/S1413-73722013000400002

Pereira, M. d. G., Ferreira, G., & Paredes, A. C. (2013). Apego aos pais, relações românticas, estilo de vida, saúde física e mental em universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 762-771. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000400017>

Rocha, M., Mota, C. P., & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: O papel mediador da auto-estima. *Análise psicológica*, 29(2), 185-200. <https://doi.org/10.14417/ap.47>

Seiffge-Krenke, I., Persike, M., & Shulman, S. (2015). Gendered pathways to romantic attachment in emerging adults: The role of body image and parental support. *European Journal of Developmental Psychology*, 12(5), 533-548. <https://doi.org/10.1080/17405629.2015.1044963>

Streiner, D. L. (2003). Starting at the beginning: an introduction to coefficient alpha and internal consistency. *Journal of personality assessment*, 80(1), 99-103. https://doi.org/10.1207/S15327752JPA8001_18

Sullivan, R. M. (2017). Attachment figure's regulation of infant brain and behavior. *Psychodynamic psychiatry*, 45(4), 475-498. <https://doi.org/10.1521/pdps.2017.45.4.475>

Veppo, F., Sousa Machado, T., & Pacheco Miguel, J. (2017). *Romantic Attachment and Parents' Attachment: A Study with Portuguese vs Brazilians Young Adults*. Paper presented at the International Psychological Applications Conference and Trends, Budapest, Hungary.

Victora, C. G., Huttly, S. R., Fuchs, S. C., & Olinto, M. (1997). The role of conceptual frameworks in epidemiological analysis: a hierarchical approach. *International journal of epidemiology*, 26(1), 224-227. <https://doi.org/10.1093/ije/26.1.224>

Walker, S. P., Wachs, T. D., Gardner, J. M., Lozoff, B., Wasserman, G. A., Pollitt, E., & Carter, J. A. (2007). Child development: risk factors for adverse outcomes in developing countries. *The lancet*, 369(9556), 145-157. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(07\)60076-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(07)60076-2)

Zafropoulou, M., Avagianou, P.-A., & Vassiliadou, S. (2014). Parental bonding and early maladaptive schemas. *Journal of Psychological Abnormalities in Children*, 3(1), 249-261. <https://doi.org/10.4172/2329-9525.100011>

Bárbara Borges Rubin

Doutora e mestre em Saúde e Comportamento pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), em Pelotas, RS, Brasil. Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Doutorado Estratégico (PDPG) na Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

Mariana Bonati de Matos

Doutora e mestre em Saúde e Comportamento pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), em Pelotas, RS, Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comportamento (Mestrado e Doutorado), do Mestrado Profissional em Saúde no Ciclo Vital e dos cursos de graduação de Psicologia e de Medicina da Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

Janáina Vieira dos Santos Motta

Doutora e mestre em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) em Pelotas, RS, Brasil. Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) nos cursos de graduação em Nutrição e Medicina e no programa de Pós-Graduação em Epidemiologia.

Fernanda Teixeira Coelho

Mestre e doutoranda em Saúde e Comportamento pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), em Pelotas, RS, Brasil.

Kathreim Macedo da Rosa

Mestre e doutoranda em Saúde e Comportamento pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), em Pelotas, RS, Brasil.

Jéssica Puchalski Trettim

Doutora e mestre em Saúde e Comportamento pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), em Pelotas, RS, Brasil. Professora dos cursos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Católica de Pelotas, do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comportamento e do Mestrado Profissional em Saúde no Ciclo Vital da mesma instituição.

Luciana de Avila Quevedo

Doutora e mestre em Saúde e Comportamento pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), em Pelotas, RS, Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comportamento (Mestrado e Doutorado); do Mestrado Profissionalizante Saúde da Mulher, Criança e Adolescente e do curso de graduação em Psicologia da Universidade Católica de Pelotas.

Endereço para correspondência

Mariana Bonati de Matos
Rua Gonçalves Chaves, 377 – 411 C
96015-560
Pelotas, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.